



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13275 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT14 - Sociologia da Educação

ANALISANDO DIÁRIOS DE JOVENS DE CLASSE MÉDIA SOBRE O ENSINO MÉDIO:

Reflexões sobre a luta por distinção social na escola privada

Ricardo Boklis Golbspan - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

ANALISANDO DIÁRIOS DE JOVENS DE CLASSE MÉDIA SOBRE O ENSINO MÉDIO:

Reflexões sobre a luta por distinção social na escola privada

Resumo: Este trabalho dialoga com estudos sobre a relação da escola de classe média com processos de classificação social, interrogando como jovens de uma turma de segundo do ano do ensino médio de uma escola privada produzem significado para a sua rotina escolar. A pesquisa se justifica pela ainda lacunar investigação sobre o cotidiano no interior da escola de classe média na sociologia da educação brasileira, especialmente considerando-se as perspectivas de estudantes jovens no processo de escolarização. Desta forma, portanto, o objetivo é documentar e interpretar práticas educacionais distintivas deste estrato social. Metodologicamente, examinam-se excertos de diários pessoais a respeito do cotidiano escolar, escritos a pedido por estudantes da turma selecionada. Dentre as ferramentas teórico-conceituais mobilizadas, destacam-se as categorias de “cultivo orquestrado” e de “*entitlement* de classe”, em diálogo com a produção brasileira relativa à pesquisa bourdieusiana das relações família-escola. A discussão concentra-se na multiplicidade de práticas educacionais dos/as estudantes e nas angústias por mobilidade social que as acompanham, revelando como o privilégio é experimentado como uma desgastante luta por classificação social. Como resultados, aponta-se como o *ethos* comparativo da educação é um valor que vai sendo confirmado pela prática dos/as jovens pesquisados/as, sendo, assim, vivido como “norma”.

Palavras-chave: Classe média, Distinção social, Juventudes, Ensino Médio

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho procura contribuir com o campo de estudos sociológicos da educação a respeito da relação da escola com processos de classificação social. Com esta intenção, a pesquisa opta por perspectivas teóricas e metodológicas que possam agregar às abordagens mais estabelecidas, como tem sido o caso, por exemplo, quando da atenção às estratégias familiares, quando do enfoque na escola pública e popular ou quando da opção por métodos de pesquisa associados à sociologia da prática bourdieusiana. Assim, o presente texto, em diálogo com essa produção coletiva, indaga como jovens de uma turma de segundo do ano do ensino médio de uma escola privada produzem significado para a sua rotina escolar, com o objetivo de documentar e interpretar práticas educacionais deste estrato social.

Em primeiro lugar, em termos de sujeitos de pesquisa, o enfoque aqui recai sobre estudantes jovens de ensino médio. Neste sentido, os/as alunos/as são tomados como protagonistas do processo educativo: como construtores, em conjunto com os demais segmentos escolares, dos sentidos, conhecimento e da vida cotidiana na escola – apesar de muitas vezes minimizados não apenas pelas práticas pedagógicas cotidianas, mas pela política e pela pesquisa educacional. A opção por estudantes particularmente jovens relaciona-se com a série de representações sociais (DAYRELL, 2007) que interpelam estes sujeitos a respeito desta fase da vida. A juventude – como reforça o Novo Ensino Médio – via de regra não encontra significado na estrutura escolar para lidar com suas questões centrais (DAYRELL, 2007). Autores comparam a juventude inclusive com uma moratória social, como se jovens estivessem, para a política educacional, em um eterno “vir a ser” (DAYRELL, 2007). A presente pesquisa, portanto, escuta o que pensam e fazem, no presente, estes/as jovens.

Em segundo lugar, destaca-se que o público-alvo desta investigação é de uma escola privada de classe média. As camadas intermediárias ocupam uma posição única na relação com a promessa do sucesso escolar. Em virtude de sua situação intermediária, interagem com a possibilidade constante tanto de ascensão quanto de declínio social. Esta situação leva este estrato a “tirar proveito dos recursos (culturais e econômicos) que possuem em prol da escolaridade de seus filhos” (NOGUEIRA, 2013, p. 283), integrando a educação como elemento central de estratégia de reprodução. Bourdieu, neste sentido, assim sintetiza os cálculos que estas famílias fazem quanto ao custo educacional de sua prole:

Fraco para as famílias de mais baixa renda que, não podendo antever para seus filhos um outro futuro diferente de seu próprio presente, realizam investimentos educativos extremamente reduzidos, fraco também para as famílias de alta renda, uma vez que os rendimentos crescem paralelamente aos investimentos, e atinge ao máximo no que corresponde as rendas médias, isto é, às classes médias cuja ambição de ascensão social obriga a investimentos educacionais relativamente desproporcionais a seus recursos”. (BOURDIEU, 1974, apud NOGUEIRA, 1997, p. 116).

É, pois, considerando a particularidade da relação desta “pequena burguesia” (BOURDIEU,

2013) com a educação que se dialoga, aqui, com estudos que têm desafiado o silêncio sobre a escola de classe média no Brasil, representados sobretudo pela produção da sociologia da educação associada ao Observatório Sociológico Família-Escola, da Universidade Federal de Minas Gerais. Mas também se indica a premência de se explorar a escolarização dos grupos médios no caso brasileiro em termos de novas abordagens teórico-metodológicas, no sentido de “abrir a caixa fechada” da escola privada privilegiada no Brasil. Posto isso, em terceiro lugar, salienta-se a opção metodológica desta pesquisa pela etnografia, examinando os processos de escolarização do dia a dia da juventude de classe média, o que é sintetizado pelos diários pessoais dos alunos.

Por fim, em quarto lugar, também é pretensão neste texto empregar ferramentas conceituais que auxiliem na análise dos diários produzidos e que, assim, contribuam simultaneamente para o debate mais amplo das relações da escola de classe média com processos de classificação social. Duas categorias teóricas são mais imediatamente mobilizadas a seguir: a) a noção de “cultivo orquestrado” (LAREAU, 2003): uma tentativa consciente de estimular os herdeiros à aquisição de capitais que os conservariam nas classes médias, como conversar continuamente com seus pais sobre diversos temas, ou como o regramento estrito da rotina; b) o conceito de “*entitlement*”: para Skeggs (2002), é um sentimento de confiança tácita, de que alguém está autorizado a ir ao encontro do que sente como seu de direito, ou seja, é uma propensão ao privilégio que se viabiliza quando este aparece como assegurado.

2. METODOLOGIA

A discussão deste texto decorre de uma etnografia mais ampla, realizada em nível de doutorado e finalizada em 2020. No processo de pesquisa, foi realizada observação participante em todas as manhãs letivas durante 3 meses em uma sala de aula, de uma turma de segundo ano de uma escola privada de classe média. O trabalho de doutorado também contou com outros procedimentos metodológicos: a) análise de documentos da escola, b) entrevistas com a equipe diretiva, c) entrevistas com professores/as da turma, d) entrevistas individuais semiestruturadas com cada aluno/a, inclusive com momentos de validação de hipóteses do pesquisador e e) 3 grupos de discussão formados a partir das afinidades no interior da turma. Todavia, o recorte metodológico do presente trabalho concentra-se em um procedimento que emergiu do campo ao longo do último mês de observações: f) os relatos em diários pessoais escritos pelos/as estudantes.

Com a entrega de cadernetas de anotações para todos os/as 27 alunos/as da turma e o pedido de que relatassem ali sua rotina em relação à escola, obteve-se a devolução de 11 verdadeiros diários a respeito da rotina de jovens de classe média na escola privada, percorrendo as mais diversas questões formativas, cotidianas, emocionais e contemplando dados sobre práticas e também sobre os sentimentos e valores que as acompanham. A discussão a seguir faz uma seleção de 2 trechos, de 2 estudantes distintos, para ensaiar os exercícios analíticos que serão mais desenvolvidos no artigo final relativo a este resumo.

Cabe ressaltar ainda duas definições metodológicas a respeito do desenho do campo empírico: 1) os nomes dos sujeitos de pesquisa, da escola e da cidade não são aqui revelados ou são substituídos por nomes fictícios, em virtude de acordo firmado com os/as informantes; 2) A definição da instituição pesquisada como uma representante típica de uma escola de classe média deveu-se ao respeito da bibliografia da estrutura de classes (p. ex. SALATA, 2016): consideraram-se as ocupações dos pais ou responsáveis, em um momento prévio de varredura por escolas privadas em região urbana central, de média ou alta mensalidade, resultando em uma turma em que a maior parte de pais e mães são profissionais liberais ou funcionários públicos de médio ou alto escalão.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Iniciamos este exercício analítico resumido introduzindo o seguinte trecho do diário da aluna Fabiana:

Milhões de coisas pra fazer, não sei nem por onde começar, sei que vou começar por algum lugar e preciso fazer isso rápido. Então concluímos que eu só penso no colégio e nas tarefas do colégio e nos estudos do colégio e blá, blá, blá. Meu outro colégio era mais fácil e com certeza eu não tinha nem um terço das coisas que eu preciso fazer e me preocupar agora. [...] Eu estou feliz, amo estar em casa com a minha irmã e com meus pais, muito bom ter alguém pra conversar e estar com você todo tempo, senti muita falta. Eu acho que essa mudança de ter que falar menos pelo fato de não ter ninguém me escutando me tornou um pouco mais fechada e tímida. Parece que agora tenho mais vergonha e dificuldade de conversar com pessoas que não conheço, que droga! Parece meio estranha, me sinto meio fora de tudo. Mas o melhor mesmo de estar em casa é ter comida boa de manhã, de tarde e de noite, como um meme da internet: “como deve ser bom morar sozinho, alguns minutos depois... comendo pão puro e bebendo água.” Isso resume muuito a minha vida nesse momento, mas no caso eu como bolacha e não pão haha.

No diário, se evidenciam, mais imediatamente, dilemas quanto a relações afetivas e quanto aos sacrifícios impostos pela premência das instrumentalizações orquestradas (LAREAU, 2003): a jovem tem de se organizar, usar seu tempo para estudos e teve até de se mudar de cidade para estudar na escola em que está. Lendo Fabiana, porém, tem-se pistas também de como ser estudante de classe média pode ser uma experiência de privilégio e sucesso escolar. O privilégio que é ter a escola como prioridade, ou ter um apartamento em outra cidade, por exemplo, estão colocados como se fossem direitos universalmente garantidos. Tais recursos, porém, são significados como elementares, ou mesmo como irritante obrigação, mas não como capitais distintivos. Com efeito, a educação privilegiada é vivida por Fabiana, como relatam também outros estudos sobre as classes médias, com ansiedade e nervosismo (NOGUEIRA, 2013). A autoconfiança, portanto, como o conceito de *entitlement* permite visualizar, é relacionada a um nível estrutural, de que as condições tidas como “básicas” estão garantidas. Esta é uma força importante do privilégio observado aqui, pois ele é vivido como

subjetividade objetivada (BOURDIEU, 2013): não como algo especial, mas como “norma”. Um outro caso desta “universalização” do privilégio é um dia comum do aluno Bruno:

Depois da aula, fui almoçar na casa da minha avó e acabei exagerando, então quando fui pro Inglês eu estava com muito sono. Obs: a aula acaba 13:00 e eu preciso almoçar e estar no Inglês às 13:45 (normalmente acabo me atrasando). Acaba a aula de inglês 15:45, aí eu vou pro colégio porque eu estou estudando para a OBF. Cheguei em casa cansado, logo jantei, comecei a ler e dormi.

Refletindo sobre o dia cheio deste aluno, é possível compreender como não é fácil dar conta do cultivo orquestrado de sua rotina. Contudo, ter almoço, e exagerar, na casa de uma avó, ir para o curso de inglês, são atividades que posicionam Bruno em um grupo seletivo. Participar da Olimpíada Brasileira de Física também reflete um *entitlement* de alguém que sabe que pode participar e que pode sonhar em vencer um torneio de extrema exclusividade. No entanto, esta instrumentalização orquestrada é relatada como apenas mais uma, sinalizando um privilégio que se constitui justamente porque sentido como “norma”, e não de maneira disparatada (BOURDIEU, 2013). Como Bourdieu coloca, “o poder econômico é, antes de tudo, o poder de colocar a necessidade econômica à distância” (2013, p.55). Finalmente, Bruno chega em casa, em que mora com os pais e a irmã, para jantar e ter tempo de, mesmo com essa rotina intensificada, ler. A sua rotina sintetiza, assim, uma regularidade social observada nas diversas vivências escolares desta turma de ensino médio de classe média: a contraditória articulação do sucesso escolar e do privilégio com a estrutura de sentimentos de ansiedade e insegurança.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, procura-se dedicar atenção a como a desigualdade educacional é vivida do ponto de vista do privilégio, em diálogo com a extensa produção a respeito da experiência do fracasso escolar. A desigualdade, nestes diários, não é significada por quem se beneficia dela, necessariamente, como uma relação de exploração, que de fato configura ao efetivar a distribuição injusta de recursos materiais e simbólicos, mas é experimentada como a “vida normal”. Mais do que isso, a classificação social, no caso observado, não se define a partir de um “egoísmo” ou de uma “vileza”, atributos morais com que por vezes se explica a classe média (SOUZA, 2018). O privilégio se constitui a partir de atitudes que se apresentam para os/as estudantes como as únicas ou as mais razoáveis possíveis. Compreender a injustiça, pois, a partir de sua complexidade, visualizando como ela se torna a “norma”, desponta aqui como uma tarefa fundamental na luta pela sua interrupção.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2013.
- DAYRELL, Juarez. A escola faz juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.

Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, p.105-128, out. 2007.

LAREAU, Annette. **Unequal childhoods: class, race, and family life**. Berkeley: University of California Press, 2003.

NOGUEIRA, Maria Alice. Convertidos e oblatos: um exame da relação classes médias/escola na obra de Pierre Bourdieu. **Educação, Sociedade e Culturas**, Porto, n. 7, p. 109-129, maio 1997.

NOGUEIRA, Maria Alice. Um tema revisitado: as classes médias e a escola. In: APPLE, Michael W.; BALL, Stephen J.; GANDIN, Luís Armando (org.). **Sociologia da Educação: análise internacional**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 280-290.

SALATA, André Ricardo. **A classe média brasileira : posição social e identidade de classe**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

SKEGGS, Beverley. **Formations of class and gender**. London: Sage, 2002.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018